



O Gaiato

23 DE ABRIL DE 1966
ANO XXIII — N.º 577 — Preço 1\$0.

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: *Padre Américo*

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

Calvário

Fui a Lisboa por via e só de doentes.

Gosto de ver onde e como vivem, para os entender melhor. Digo, melhor, porque nunca os chegamos a compreender inteiramente. Seria preciso encontrarmo-nos exactamente em situação idêntica, para sentirmos como eles. Ai de mim se não fosse ao seu encontro. Não daria um passo no conhecimento dos Pobres. E ninguém pode amar aquilo que não conhece.

Esta mora na Curraleira. Aquilo não é morar; mas o nosso vocabulário não possui termos adequados para traduzir o viver de muita gente. A barraca, perdida entre tantas, oferece lugar apenas para ela se deitar. Eu tenho um pé dentro e outro fora. Não caibo ali. Ela está acamada. Veio do hospital como pronta... para morrer ali. Ainda não compreendi bem qual seja a missão exacta de certos elementos que dizem labutar no sector social. Ninguém veio observar a barraca. Ninguém inquiriu sobre as possibilidades de sustentação, pois ela é só. Foram as vizinhas que nos deram o sinal de alarme: «Ela não pode estar ali mais tempo, pois, qualquer dia, vamos dar com ela morta como um animal. Venha buscá-la». Tomámo-la com carinho e hoje é feliz à beira de outras que vieram de iguais mansões. Cama não tinha. Lençóis ainda menos. Amparo certo também lhe faltava. Hoje tem tudo isto. É feliz.

Estoutro abriga-se no Vale Escuro. A avenida conduz-nos até lá. Termina o asfalto e com ele os edifícios modernos que se erguem altivos e indiferentes, como muitos dos que neles residem. Começa o terreno duro e pedregoso. As vidas por aqui agora também o são. As barracas escondem-se umas atrás das outras para recolher as gentes de menos haveres.

«É ali, naquela barraca que parece casota de cão», diz-me pessoa amiga e inquieta com o problema dos Pobres, que me acompanha: «Eu não percebo como não se fazem casas com abundância para esta gente», continua ela a ferver, e eu a gostar de ouvir. A pressa e o interesse comum em falar com o pobre enfermo que vive na «casota de cão» varre-nos do pensamento as ideias que trocávamos. O telhado é de plástico translúcido. Os vizinhos, incomodados com a presença do doente, retiraram-lhe há tempos o pombal que poisava sobre a barraca e servia de telhado, supondo que deste modo o forçariam a ausentar-se. Mas para onde? Passou o Inverno à chuva. Foi encontrado algumas vezes ensopado em água.

A porta, pequena e a desconjuntar-se, abre-se e o pobre doente espreita-nos a gemer. Está deitado sobre duas tábuas e enrolado num cobertor. Ali dentro não há mais nada. Nem agasalhos, nem louça, nem comida. São os vizinhos que esporadicamente lhe dão do que têm. É um abandonado, daqueles para quem Pai Américo sonhou o Calvário. E, porque o é, insistimos para que venha connosco. Mas, com mágoa, ouvimos um não bem acenado com a cabeça. Não nos conformamos e tornamos a receber, ainda mais entristecidos, uma outra negativa.

CONTINUA NA SEGUNDA PÁGINA



NO RIBEIRO DE GAMUZ, SOB AS VISTAS DO VELHO E HISTÓRICO MOSTEIRO DE PAÇO DE SOUSA, OS NOSSOS «BATATAS» RECOLHEM AREIA NAS PADIOLAS.

MALANJE

Os santos! — e quantos nos aparecem! — são o alicerce da nossa Obra. O «óculo da viúva» o seu esplendor.

Em Carmona, foram os que no fim da Missa passaram pela sacristia: «Nós queremos o Gaiato. Foi aquela família amiga que nos recebeu como filhos. Aquele operário que já foi de barragens e tem

seis filhos: «Tome, não possas mais mas é do coração». Foram os Snrs. padres — tão bons! — até o Snr. Governador desceu a nosso patamar com ajuda carinhosa.

Em Cambambe, mais santos. Ouviram-me no cinema e no fim um grupo de amigos levantou-se e recolheu os donativos. Uns dias mais tarde, esta carta: «Envio-lhe uma lista das assinaturas conseguidas para o jornal. Totalizam 107 no valor de 6.575\$. As de 20\$00 são dos mais débeis de economias, que mesmo assim quiseram ser assinantes». Qu contentes nos deixou esta ond de carinho.

Do Dondo, trouxemos mais um gaiato. O pai está cego vive de ajudas.

As roupas que nos tendado, temos repartido com doentes leprosos de Danje-Menha. São dezassete doentes com as famílias. Vivem num

presentem mais do que percebem este clima que os estimula a dar o seu melhor, que muitas vezes é transcendência do que eles são habitualmente.

Em Lamego, há dias, eu tive oportunidade

de constatar isto mesmo. Teatro a transbordar, apesar de ser a nossa primeira aparição ali. Mais de metade dos nossos rapazes levantaram-se da cama para o palco, alguns com dois graus de febre.

Começaram. Eu andava entre eles e a sala. Ia notando a surpresa e o entusiasmo crescente no público. E público era também o pessoal de cena em serviço no palco. Pois tenho a certeza que aquelas duas horas, os nossos rapazes não sentiam a febre; ou se a sentiam venceram-na mais perfeitamente

— Continua na TERCEIRA página

FESTAS

Embora falte ainda toda uma segunda volta mais pesada que a primeira, no momento em que escrevo, estas palavras pertencem mais ao passado que ao futuro, relativamente às Festas em 1966.

Continuam a chegar-nos ecos do gosto que ficou em muitos dos nossos comparsas da plateia. (Eu não me atrevo a chamar-lhes espectadores!)

Teatro perfeito é o que consegue dissolver a fronteira entre os que actuam no palco e os que actuam na sala. Uns e outros, de maneira diferente, fazem o espectáculo. Na verdade não tem razão de ser a acção daqueles sem a presença destes; e a emoção recebida pelos segundos reflecte-se e acresce proporcionalmente a capacidade dos primeiros em transmiti-la. De modo que

do poder receptivo de uma plateia e da limpidez com que espelha a emoção, muito depende o brilho do espectáculo.

No Teatro é, geralmente, a arte que realiza este efeito. (Por isso que público sensível à arte pura é tão escasso, tão escassos são os actores treinados em transmiti-la — e tão raro é o espectáculo perfeito).

Ora as nossas Festas são um exemplo singular de espectáculo perfeito. Nelas desaparece o fosso da orquestra e, desde os bastidores ao último lugar da Geral, a satisfação lê-se nos rostos, a emoção ausculta-se nos corações — e os actores

Continua na QUARTA página

TRIBUNA de Coimbra

Sexta-feira Santa. Fui ao encontro do Senhor Crucificado. Encontrei-O em muitos irmãos. O primeiro encontro foi à porta de Santa Cruz.

Era uma mãe de sete filhos menores, o mais novo de meses, duma paixão desmedida por eles. Tem tido pouca sorte com os filhos. Ela também não tem garra, nem preparação para educar. O marido é um inválido, fechado de carácter, sem rasgo para a vida.

A filha mais velha, 17 anos, enamorou-se de um rapaz da mesma idade. Querem casar. Vão casar.

A mãe anda descontrolada com a sorte da família. Não tem de onde lhe venha nada e é uma doente. Umagroupinhas de cama e argolas de ouro da filha estão numa casa de penhores. Eis porque me procura. Aí vou eu resgatar uma mão cheia de cautelas e aí vai ela com um embrulho grande à cabeça e com os olhos rasos de lágrimas de alegria. Fechei-lhe na mão uma nota para o almoço do dia de Páscoa.

Voltei a encontrar o Senhor Crucificado na viúva da Pedrilha. Fui com ela ao merceiro e ao senhorio. Paguei as contas do ano passado que andaram pelos dois mil.

CALVÁRIO

Cont. da PRIMEIRA página

— Porquê, Senhor, este não que Tu me dás? Quereis sofrer ainda mais? Não chega o que padeceste na Cruz e o que suportas em tantos sofrendores? Esta oração salta-me do peito, sem eu dar conta.

— Os homens ainda andam tão longe de Ti, que queres sacudi-los bem com Tua presença acusadora, nestes que sofrem a miséria por nossa culpa?!

Padre Baptista

Ela tem nove filhos e está ainda carregada de outras dividas. A perna que traz empanada já há anos, vai-lhe set cortada. «Ficar sem a minha perninha é que é a minha desgraça». Ficou a olhar p'ra mim e a abençoar-me.

Fiz mais uma caminhada ao Calvário do Manuel. No caminho parei a ver o sinaleiro do Almogave a quem as úlceras continuam a rebentar.

Manuel faz guarda no turno da noite e já estava em casa com todos os filhinhos. A mulher tinha vindo à cidade vender uns grelitos e levar alguma coisita para comer. Manuel estava a esconder o pão na cama para os filhos lho não comerem todo.

O pior é a doença. A mulher anda mal da barriga e as receitas são caríssimas. Estão todas para aí por aviar. O Manuel continua com a sua bronquite asmática aguda e anda sempre sem forças. Fomos ambos pagar uma conta antiga na mercearia e deixei-lhe para o foliar da Páscoa.

De regresso à cidade passei em frente da loja do Hernâni. Ele veio à porta chamar-me. Tive de ouvir. Também ele ontem à noite encontrou Cristo Crucificado numa barraca no Pinha de Marrocos. Pai e mãe e sete filhos pequeninos (o último de cinco dias) a viverem todos numa camada e todos a definharem dos pulmões.

O Hernâni diz que não pode haver uma dúzia de casos como este. O Hernâni está enganado. Que bom se o Hernâni tivesse razão!

Ao chegar a Casa encontrei este postal:

TEATRO AVENIDA

COIMBRA

Os bilhetes para a nossa festa já estão à venda no Lar do Gaiato, Tel. 24648; Casa do Castelo, Rua da Sofia; e nas bilheteiras do Teatro Avenida.

24 de Abril

Às 18,15 h.

2.ª FESTA



«Lisboa. Venho dizer que mando em vale de correio uma pequenina ajuda (500\$00) para as Obras da Casa-Mãe, primeiro ninho dos nossos irmãos menos protegidos da sorte.

Propus-me fazer uma boa-obra neste dia grande de Sexta-feira Santa: oferecer ao Senhor Jesus um pouco do meu sacrifício deste mês, pois também sou pobre e vivo do meu trabalho. Para me orientar peguei no jornal «O Gaiato» e meditei alguns artigos em que deixam ver nitidamente a continuação da Paixão do Senhor Jesus, no Corpo Místico. Os pais errando por caminhos incertos; os filhos vítimas dos desvarios!... Que Deus se digne pôr-nos a todos no caminho que conduz ao Céu».

Padre Horácio

P. S. — Nas ruas da cidade encontrei um mundo de entusiasmo com a nossa 2.ª Festa no Avenida. Estou convencido que a casa vai ser de novo muito pequena. Se todos os nossos amigos, mesmo os que assistiram à primeira, soubessem o que vai ser a segunda, nenhum ficava em casa. Até Domingo 24 à tarde, no Teatro Avenida, se Deus quiser.

Casamentos

OS NOSSOS RAPAZES, UMA VEZ LANÇADOS NA VIDA, ENCARAM O FUTURO TAL QUAL ELE É. LUTAR SOZINHO CUSTA MUITO E POR ISSO, ELES PROCURAM A SUA COMPANHEIRA IDEAL COM A QUAL SE UNEM PARA SEMPRE, ATRAVÉS DO SACRAMENTO DO MATRIMÔNIO. FOI O QUE ACONTECEU COM MAIS DOIS DOS NOSSOS QUE HOJE DAMOS À ESTAMPA. AÍ OS TEMOS FELIZES, AO LADO DE SUAS ESPOSAS, SORRINDO PARA A VIDA. EM BAIXO O JOSÉ MARIA FELGUEIRAS (EX-ZÉQUITA) E AO LADO O JOÃO LUCIANO (EX-BUARCOS).



DOCTRINA

«Puseram soldados de sentinela ao sepulcro... e resolveram dar-lhes dinheiro abundante para que dissessem: — Os Seus discípulos vieram de noite, enquanto dormíamos, e roubaram-nos».

— Quem? Quem foram os que puseram... e resolveram?... — Os príncipes dos sacerdotes e os fariseus, de convicção com os anciãos: os Importantes da cidade.

Afinal foram estas as primeiras testemunhas da Ressurreição. Conforme ao Evangelho, os discípulos não fizeram fé na palavra do Senhor acerca da Sua Ressurreição. Foram ao sepulcro, sim, em homenagem ao Mestre morto. Porém, os que tinham a Verdade; os que A não queriam, porque Ela é exigente e não se acomoda a um viver qualquer — esses lembraram-se da profecia de Cristo e acautelaram-se. (Como se a prudência humana pudesse impedir o querer de Deus!)

Foi assim naquele tempo. E da mesma sorte até ao fim do tempo. Os orgulhosos, os mesquinhos, os avaros, — os de quem se não pode dizer: homens de boa-vontade — procuram na ambição terrena de outros homens um meio de servir a sua,

estorvando a realização dos planos de Deus.

Também eles comprarão a mentira para negar a Verdade. Estultos! Não sabem que a Verdade é e a mentira não é. A mentira é um véu frágil e caduco como uma nuvem levada pelo vento. Passa, encobre o sol... — e logo o sol brilha de novo. E ainda, enquanto a nuvem passo, quem duvida da subsistência do sol?, quem a compara à efemeridade da nuvem?

«Infeliz astúcia» a dos homens que recalçitraram contra a Vontade de Deus. «É duro» — S. Paulo experimentou-o. E no resto da sua vida dura de apóstolo deu o testemunho de quão maior é a dureza de recalçitrar.

As decisões de Deus cumprir-se-ão, queiram ou não queiram os homens. A História seguirá o curso traçado por Deus, como um rio vai da nascente ao mar. Os homens que lhe levantam barragens, afirmam o seu potencial. Avolumam-no. Interferem, sem dúvida, mas não destroem o curso traçado por Deus: O rio sempre correrá para o mar.

Hoje, como naquele tempo, e sempre, há homens a quem não convém Cristo vivo. Um Cristo vencido, crucificado, sepultado — seja, embora... E é por isso que Cristo continua vencido, cru-

cificado em tantos homens, sepultado sob o orgulho, a mesquinhice, a avareza de outros, de quem se não pode dizer: homens de boa-vontade. É por isso que a Paz prometida no alvorecer de Cristo na História, não é uma realidade universal, senão na alma daqueles homens que afinam a sua consciência pelo Evangelho... e estão vacinados contra todas as contradições desencadeadas pelo orgulho, pela mesquinhice, pela avareza de outros.

Sim, os homens podem interferir, e interferem, no curso da História que Deus quer que seja. Mas a vontade dEle, a Verdade, acabará sempre por triunfar. Aos que levantaram barragem no serviço do seu orgulho, da avareza, a esses há-de acontecer que todo o potencial acumulado desabarará sobre eles, como a mentira que se diz ou que se compra, na «infeliz e estulta astúcia» do esmagar a Verdade, de recalçitrar contra a Vontade de Deus.

E, o rio sempre acabará no mar!

Visado pela

Comissão de Censura

«Onde haja caridade e amor, aí habita Deus». Eis a razão desta Obra escondida no meio da Serra do Mósinho — Concelho de Penafiel — ser tão conhecida. Se não fosse pois o amor e carinho dos que lêem os nossos modestos «artigos», transformando depois esse amor em encomendas e alguns donativos, há muito que teria sossobrado.

A Obra é de todos os que podem, a bem dos que se querem realizar pelo trabalho. Contando pois com a vossa generosidade; além das encomendas que vamos mandando, vamos também pondo de lado, para na ocasião do Natal poderemos atender aqueles, que só nessa altura fazem os seus pedidos. Agora vejam a continuação das encomendas enviadas:

Castelo Branco, 6 chales dos pequenos. Lisboa, 2 chales mais 1 mais 3 pegas. Porto, 1 manta. Coimbra, 2 capas e 3 camisolos. De Espinho, 100\$00 para o concerto do nosso apa-



relho. Lisboa, 1 chale, 2 mantas e uma colcha. (Esta Sra. é incansável em fazer encomendas). Outra vez Lisboa, 6 camisolos, «para os meus filhos, tenho mais uma menina, e espero outro, pelo que já deixo um chale encomendado para o seu baptizado. Gosto de trazer os meus filhos agasalhados com os vossos trabalhos. Assim trago Ordins sempre no pensamento». (Aí se todos nos trouxessem no pensamento)!... Outra Sra. de Lisboa, fez-nos encomenda de 6 camisolos para oferecer a outros tantos gaiatos do Tojal. Mogndouro, 2 tapetes. Proença-a-Nova, 1 chale. Porto, 1 capa. Para esta cidade, antes do Natal, apareceu-me aqui uma senhora acompanhada de uma filha; e calculem a

minha surpresa!... Levou-me todas as camisolos que tinha nessa ocasião, e queria umas 300! Este ano já nos estamos a prevenir para poderemos atender a todos. Por aqui se vê, que apesar das nossas imperfeições, os trabalhos agradam. Póvoa de Varzim, 38 chales. Do Buirro do Restelo, 200\$00, de quem se lembra dos Pobres, em festas do ano. Vieram por intermédio da Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Do senhor de Lisboa, os 100\$ mensais. 1.220\$00 de encomendas enviadas para Valbom. Porto, 50 chales. Foz, 2 pares de soquetes, para uma doentinha, «que lindas e como ela ficou contentes». De Benfica, 20\$00 para o aparelho. Recebemos também 2.500\$ de um donativo enviado de Lisbon, a distribuir pelas actividades das Obras de Pai Américo. Obrigado, ao senhor, e ao Sr. P.e Carlos pela parte que nos tocou.

Maria Augusta



Mais oito dias e teremos em Viseu os simpáticos Gaiatos de Paço de Sousa.

É a segunda vez que vêm a esta cidade, dar o seu espectáculo anual.

A calcular pelo ano passado, é de esperar que o vasto Ginásio do nosso Liceu venha a registar enchente, em ambas as sessões.

Por estranho que pareça, a verdade é que eles vêm a Viseu para dar a conhecer Belém aos Visienses.

Belém, porque está ainda nos princípios, porque é Obra de raparigas e porque nunca lançou mão de propaganda fácil, continua a ser ignorada pela maioria da gente de Viseu.

A pequenina barca de Belém, há 7 anos que navega, calma e silenciosamente, no mar da vida, sem fazer grandes ondas, e por isso não atraiu ainda as atenções do grande público.

Isto, em si, não é mal, até é bem. Porque, precisamente, o que se pretende é que as crianças recolhidas cresçam e se façam mulheres num ambiente familiar

normal, feito de calma, simplicidade e trabalho, sem exhibições espectaculares.

O contra está em que Belém pertence à categoria das Obras que, como as Casas do Gaiato, não podem ficar escondidas debaixo do alqueire, por viverem da caridade pública. São os Amigos e Benfeitores que lhes garantem a vida.

Aqui o grande dilema de Belém, que todas as almas bem formadas compreenderão facilmente.

De todo o coração desejo que as Visienses dispensem aos visitantes um caloroso acolhimento. E não só pelas responsabilidades da fundação, manutenção e progresso de Belém, mas ainda pelo muito que esta Obra deve, em apoio, à Obra do P.e Américo e também... vá lá, porque sou visiense e não gostaria que os meus conterrâneos ficassem atrás das gentes doutras terras, por onde eles têm andado.

Por isso, peço encarecidamente a todos os Amigos da Obra, e sobretudo àqueles que já assistiram à Festa do ano passado e ficaram encantados com a sua originalidade, graça e arte, a sua preciosa ajuda, fazendo propaganda entre as pessoas da sua roda.

Com quanto a Festa propriamente dita, seja levada a efeito só pelos Gaiatos, porque é a favor de Belém e em Viseu, as Belenitas farão a sua apresentação aos espectadores, tal como no ano passado.

Então, até 30 de Abril, à noite, ou até 1 de Maio, de tarde, se Deus quiser.

Continuando a nota de presenças, temos o senhor Cônego Martins, com 100\$00. Pedindo uma prece pela conversão dos Pais, 40\$00. De uma Prof.^a de Serpa, 100\$ «para o que mais falta fizer». Dos Armazéns Avenida, 50\$00 e agora mais uma panela. 50\$00 de Maria Luisa e o dobro de Seia, assim como da Ass. n.º 18112. 50\$00 da Avó de Moseavide. Sra. D. Graça, 500\$00. Por Maria da

Figueira, 50\$00 e 9 metros de tecido.

A panela e o tacho pedidos pela Lourdes, chegaram de Coimbra. Vieram roupas de vários lados e outros objectos.

«Percentagem de um aumento de pensão», 50\$00. Outro tanto, em vale, de M.^a do Céu. 20\$00 de Figueira de Castelo Rodrigo e outro tanto de Lisboa, produto da venda dum livro. Anónimo de Vildemoinhos 20\$00, em sufrágio da alma de sua mãe. 150\$00 para ajuda da compra da Casa Nova. Ass. 15595, com 50\$00, «uma pequena migalha para a dívida». Que Deus mande muitas migalhas como a sua! Outro tanto de Helena, com pedido de orações.

Maria Cecília e Marido, de Braga, enviaram as suas cotas de quatro meses e explicam a razão do atraso — um grave desastre — e pedem desculpa... Que Deus nos ajude a merecer destes benfeitores, que a Obra bem os precisa.

Assinante anónimo de Lisboa, sempre em dia com a sua generosa contribuição mensal, que já vai em 250\$00.

Vale de 1.100\$00 de Paço de Sousa, total dos donativos ali recebidos. De Lisboa 1.500\$, produto da renda dum andar.

Acusamos recebidos os 500\$ mensais de Helena, de Lisboa, assim como todas as cotas dos nossos sócios de Viseu.

Para finalizar esta carta de Coimbra:

«Junto envio esta migalha, com a pobreza da minha oração, rica no Senhor, para que a vontade de Deus seja feita e que o Homem não tire o que Deus dispõe».

Assim seja! Com muita economia pudemos pôr de parte mais 10 contos, ficando agora a nossa dívida reduzida a:

230.000\$00
—10.000\$00

220.000\$00

Bem-hajam.

INÊS — Belém — Viseu

FESTAS

que os anti-piréticos com que se iam ajudando — sabeis porquê? Pelo calor que recebiam do público satisfeito e aberto no manifestar da sua satisfação.

Parece-me irrecusável, pois, que as nossas Festas são um caso excepcional de espectáculo perfeito. Todavia, nelas, não é a arte o veículo da emoção. É o amor. É a Caridade. É «Cristo que está onde o amor e a Caridade».

As nossas Festas são festivas da Caridade. São uma «Sacra Actio», a que Cristo preside, pois «onde dois ou três se reúnem em Seu Nome, se unem pelo seu amor — Ele aí está». E quem duvida que os que ali foram, mesmo sem contar com o encanto natural que o espectáculo lhes ofereceu — e até por isso mesmo! — foram por amor?!

Por isso eu vou compreendendo aquele Superior de um Seminário que depois da nossa Festa, costuma fazer dela o assunto de meditações aos seus discípulos. Ou outro que desabafa: «Há muito que a cidade precisava desta pregação». Ou até aquele, que se exprime por hipérbole: «Valeu mais aquela noite do que todos os sermões quaresmais».

É verdade que há vários anos, já é na Quaresma que costumam ser as nossas Festas.

Cont. da PRIMEIRA página

E eu sempre tenho tido uma certa timidez por esta ocorrência. Agora não. Vou compreendendo que as Festas, como «O Gaiato», têm a sua função querida por Deus, no



O «PARDAL», NESTE CASO FAZENDO DE PARDOCA DEIXA-SE CORTEJAR PELO VIVALDO NUM DOS NÚMEROS DAS NOSSAS FESTAS.

bem que Ele decidiu fazer por meio dos grandes pecadores que nós somos. E de agora em diante, hei-de passar a participar nelas ainda mais religiosamente, «em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amen».

NO GINÁSIO DO LICEU

EM
VISEU

30 de Abril
ÀS 21,30 H.
1 de Maio
ÀS 15 H.



PELAS CASAS DO GAIATO

TOJAL

* Amigos leitores: mais uma vez o Tojal presente n'«O Gaiato» para vos dar notícias da nossa Aldeia.

* OBRAS: Graças a Deus já estão quase findados os trabalhos nas escolas novas sendo o primeiro edifício a ser construído para a nova Aldeia do Tojal. Queira Deus que com a ajuda dos milhares de amigos dos gaiatos as obras continuem progredindo.

* FUTEBOL: No dia 20 do passado mês fomos visitados por uma equipa de futebol que quis ter o prazer de jogar com o nosso grupo. Pregámos-lhes 4-0 (uma bonita conta não acham?). Desafiámos mais equipas a nos visitarem aos domingos.

* SELOS USADOS: Continuamos a receber dos nossos leitores mais embrulhos de selos usados aos quais mandamos um «muito obrigado» pelo seu interesse. Oxalá que muitos se interessem por nós. Basta juntarem os selos das correspondências e mandá-

los pelos nossos vendedores ou pelo correio.

* AGRADECIMENTO: A Sra. D. Virgínia e os 4 da rouparia que-rem agradecer através desta crónica o interesse que um benfeitor mostrou por nós oferecendo-nos um ferro eléctrico novo. Que esta acção benéfica sirva de modelo para muitos.

Mário Fernando

CALVÁRIO

* Há quem compreenda que a confissão serve para desabafar e trazer paz à consciência. Tem havido certa normalidade em grande maioria dos habitantes desta parcela da «Obra da Rua». Como em qualquer meio, há mais assiduidade nuns e menos noutros. E nestas muitas vezes procedem desta forma não porque sejam levados a proceder assim, mas a ignorância... Ao perguntar a um deles se lá na terra

frequentava a Igreja, a resposta foi esta: «Na minha terra só os ricos é que vão lá!». Não será assim creio, mas a falta de quem se abeirasse do senhor Gabriel para lhe ensinar que a Igreja é dos pobres e dos ricos fez com que dissesse isto. E como ele, tantos o dirão, decerto!

Poderemos julgar que andamos no bom caminho. Mas... quantos tropeços não damos, ainda que alicerçados em uma boa vontade de sermos bons?! O tempo que expirou, que nós conhecemos pelo nome de Quaresma, serviu-nos, melhor que outra ocasião, para meditar um pouco mais sobre algumas realidades que nem sempre nos apercebemos noutras ocasiões. Somos humanos. Por nós nada valem. Por grandes cometimentos não podemos aspirar! O Caminho foi-nos ensinado. O pior é que nem sempre estamos dispostos a esforçar-nos por o seguir!

Parece-me que entrei em caminhos um pouco fora do meu objectivo pois era minha intenção descrever a nossa festa espiritual que ocorreu no passado dia 7, dia da comemoração da Última Ceia de Jesus com os Apóstolos.

Como preparação serviu-se o nosso Padre, para que tomassemos mais consciência do verdadeiro fim com que a Santa Igreja celebra o tempo Quaresmal. Foi com a celebração da Liturgia da Palavra que se processou a nossa preparação. Durante a Quaresma havia essas cerimónias aos Domingos. Mas a partir do 2.º Domingo da Paixão intensificaram-se nos três dias seguintes.

O dia da Remissão começou com as últimas reconciliações e algumas bastante grandes como por exemplo, o senhor António Pereira que desde a sua mocidade não o fazia e hoje apesar de possuir um corpo velho no fim da sua confissão ficou com a sua alma rejuvenescida com o perdão Divino.

O corpo doente ganha novas forças tendo o interior possuído da verdadeira Paz!

Ao declinar Quinta-feira Santa eis-nos prontos para renovar a Última Ceia.

Temos ouvido dizer que não se pode pregar a estômagos vazios. Por essa razão, ou por outra, foi servida, no salão, primeiramente uma boa refeição corporal. Depois de saciados os apetites do nosso corpo, houve uma breve pausa. Como que a convidar todos os presentes, os nossos rapazes da Casa daqui de Beire e praticamente todos os doentes, a concentrarem o espírito para o acto que ia seguir-se.

Pelas 21 horas principiou o acto maior: a Santa Missa!

Solenizada quanto possível com cânticos. E não faltaram os gemidos de alguns doentes para formarmos um cântico!

Todas as cerimónias acompanhadas com atenção pela assembleia.

Dizer da alegria de Jesus em vir a tantas almas de gente moça e doentes idosos não a sabermos descrever. Pois nem sequer imaginamos!

No final foi organizada uma pequena procissão levando o S. S. Sacramento para a Capela aonde ficou exposto sempre acompanhado toda a noite e a parte do dia seguinte em que durou a exposição.

Que o Jesus Deus forte nos ajude a todos nas nossas necessidades!

Que Ele ressuscite nas nossas almas. E que vos tenha dado a todas vós queridos amigos Santas e Alegres Festas de Páscoa!

Manuel Simões

MIRANDA DO CORVO

* OBRAS — A nossa Casa-Mãe anda em obras e há quem diga que já não é sem tempo. Realmente era disso mesmo que ela precisava. Agora está muito jeitosa.

No caso de os nossos leitores nos quiserem dar uma visita eu vou já fornecer um roteiro para que não estranhem o que foi modificado:

Logo à entrada do portão, do lado esquerdo, foram arranjadas duas camaratas, substituindo assim uma sala de jogos e um quarto de arrumações que até então aí se tinham instalado. Os quartos de banho respectivos também levaram as suas modificações.

Isto no rés do chão. Subamos agora as escadas e entremos no 1.º andar: Primeiramente demos uma olhadela à sala de visitas que está um primor, e depois aos lavatórios dos «Batatas». Tudo isso está encantador mas tudo tem o selo do nosso trabalho.

Mas não fica por aqui: Já me estavam a esquecer as salas de jogos dos miúdos e dos médios, também no rés do chão. Estão muito lindas! (E agora isto só cá p'ra gente). Não ficam a dever nada à dos grandes, embora aí haja um bilhar que mete um vistão (mesmo com pó e tudo); convém dizer que é nesta sala que está a televisão, e é aqui que durante a semana rezamos o terço. Não admira por isso que esteja um pouco mais arranjadinha que as outras. Mas como gostos não se discutem, o ideal é aparecerem por cá e darem a vossa opinião.

Além deste resumo do roteiro, já cá estão os ciclerones às vossas ordens.

* NO MUNDO DO DESPORTO:

Como não podia deixar de ser, os de Paço de Sousa, a seguir à Festa do Avenido, vieram cá dormir connosco. Ora mal parecia que visitantes tão afamados não levássem daqui uma lembrança. Embora viéssemos um pouco cansados da Festa, a noite ainda deu para sonhar com isso.

Desta feita, a meio da manhã, resolvemos ir para o campo e disputámos uma partida de futebol. O jogo foi bem disputado embora tenha havido protestos contra o árbitro que foi o Sr. P.e Horácio.

No fim de contas tudo correu bem e os nossos irmãos ficaram convencidos que não são invencíveis. Ameaçaram-nos com a desforra quando lá fôssemos, mas não sei quando será.

Ora isto que sirva de lição aos nossos irmãos. Quando cá vierem não tragam os júniores..., senão têm fran-
gos para a viagem.

António Ferreira da Silva

PAÇO DE SOUSA

* Geralmente o hospital encontra-se às moscas, porém a gripe entrou em nossa Casa, e eilo repleto de doentes. Os primeiros atingidos foram 50% dos componentes da companhia «Os Saltimbancos», e por aí fora. Já são poucos os que se podem chamar valentes, em todo o caso ainda os há que se mantêm de pé. Desde que foi dado um aviso à comunidade, acerca da gripe, para que se queixassem ao menor sintoma, já mais os termómetros tiveram descanso e tal foi a invasão que houve necessidade de se comprarem mais. O hospital depressa encheu e um dos dormitórios enchia pouco depois. Foram mobilizados uns enfermeiros e eilos tirando temperaturas, dando pastilhas, charopes, injeções, etc.. Falta acrescentar aqui a ideia do Sr. P.e Zé Maria, que, sendo o portador da chave da adega, se despojou dela para que não faltasse o respectivo bagaço aos enfermos, e, segundo a opinião dos resistentes, o bagaço é que os mantém de pé. Será?!

* Tenho a minha casa sem música. Bem, música temos cá muita, o que não temos, é telefonia para a transmitir. Isto porque o velho rádio que aqui existe está arrumado e desprezado a um canto da sala. Todos o rodeávamos quando ainda tocava qualquer coisa, agora porém não dá mais. A casa assim é triste, e tratamos de nos pôr em campo em busca de outro. De vez em quando ainda surge um ou outro que depois de um pequeno concerto fica a tocar. Últimamente surgiu cá um, — por sinal

fiz-lhe logo olhos bonitos! — mas tão pouca sorte que foi oferecido para o Calvário, e fiquei outra vez descalço. Não quero fazer pedido algum, mas simplesmente lembrar o amigo leitor que é capaz de ter algum arrumado a um canto da sala tal como o nosso. Até o próprio rádio se sentia mais feliz em saber que vinha ser rodeado de tantos que o desejam ouvir. Como fico esperançado, também fico atento à sua chegada para a respectiva recepção.

João da Rocha

BELÉM

* FESTA — A Festa dos gaiatos, em Viseu, é no dia 30 de Abril à noite e 1 de Maio de tarde. Isto já foi anunciado no jornal. Ainda ninguém se ofereceu para nos ensinar e por isso somos nós que nos temos de preparar sôzinhas, porque a nossa Mãe não tem tempo. Se alguma pessoa se oferecesse, nós agradeceríamos muito, porque já nos fazia um jeitinho. Se os Senhores nos virem no palco, já sabem que tudo o que nós fizemos foi à nossa custa e por isso tem mais valor. Esperamos portanto, que nos desculpem qualquer engano.

E não falem. Então, até à Festa, se Deus quiser.

Sãozita

BENGUELA

* OBRAS: As paredes das nossas oficinas aumentam dia para dia. Onde era o nosso estábulo está quase tudo limpo. Por trás deste vai ficar o nosso Salão de Festas. Depois destas notícias alegres vem uma muito triste, que é o problema de dinheiro. Ainda há pouco tempo, foi de nos deixar amarelos. Só tínhamos 40 contos. É melhor dizer que não tínhamos nenhum, porque destes 40, 15 eram para a Luísa e 25 para o nosso vagão de madeira, fora as facturas e as contas do nosso pessoal. Portanto meus senhores não esqueçam estes problemas que de vez em quando nos estão a bater à porta.

António Augusto

As nossas Festas

—Caldos da Rainha

SALÃO DA ESCOLA
COMERCIAL

DIA 23 DE ABRIL
às 21,30 horas

—AMARANTE

CINE-TEATRO

DIA 29 DE ABRIL
às 21,30 horas

BILHETES À VENDA:
NOS TEATROS INDICADOS

MALANJE

Cont. da PRIMEIRA página

aldeia perto de Salazar. Quando lhes sobrar roupa de senhora, crianças e bebés, podem mandar.

Em Luanda: Aquele motorista de táxi, depois de nos ter transportado: «Vinte escudos para a Obra. Tenho pena de ser pouco. Sou pobre». Qual pobre?! Grande Homem e rico de amor! Pobre é o que, por mor dos seus milhares, não vê os outros. Mais simpatia e generosidade nas igrejas da Conceição e de S. José de Cluny — onde eu disse das crianças abandonadas e algumas por pais a que ninguém pede contas. E o dono da Farmácia Africana que me topou na rua com dois mil. Já o ano passado foi também. A assinante 3939

veio com 200 e a dizer-nos que não se esquecia de rezar por nós e queria muito ler o «Pão dos Pobres». Está bem, nós mandamos.

De Malanje, são os visitantes com as suas migalhas, os que nos tocam na rua com o «tome lá» e os que têm ido ao nosso Lar com roupas e calçado.

Agora, um recado:

Vamos começar a nossa Capela.

Já o dei baixinho ao Sr. Bispo... E ele, cinquenta mil! Que bom! Sobretudo, o gesto paternal!

E fico aqui, com o coração quente, a olhar as estacas, prontas para o risco, da que vai ser a casa do SENHOR.

Padre Telmo

COLISEU DO PORTO

BILHETES À VENDA: dias úteis no Espelho da Moda, R. dos Clérigos, 54 e todos os dias nas Bilheteiras do Coliseu do Porto.



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P.
PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

8 de Maio

DOMINGO

Às 18,30 h.

2.ª FESTA